

A Aurora do Homem

I

“Em seu grave rincão, os jogadores movem as lentas peças. O tabuleiro retarda-os até a aurora em seu severo âmbito, em que se odeiam duas cores. Adentro irradiam mágicos rigores as formas: torre homérica, ligeiro cavalo, armada rainha, rei postreiro, oblíquo bispo e peões agressores. Quando os jogadores se tenham ido, quando o tempo os tenha consumido, certamente não haverá cessado o rito. No Oriente se incendiou esta guerra, cujo anfiteatro é hoje toda a Terra. Como o outro, este jogo é infinito.

Tênue rei, torto bispo, encarniçada rainha, torre direta e peão ladino sobre o negro e o branco do caminho buscam e libram sua batalha armada. Não sabem que a mão assinalada do jogador governa seu destino, não sabem que um rigor adamantino sujeita seu arbítrio e sua jornada. Também o jogador é prisioneiro (a sentença de Omar) de outro tabuleiro de negras noites e de brancos dias. Deus move o jogador, e este a peça. Que deus detrás de Deus a trama inicia de pó e tempo e sonho e agonias?”

(Jorge Luis Borges - Xadrez)

II

Como falar dos gigantes, vivendo à sua sombra? Ainda, caso nossa imaginação nos eleve a um platô iluminado, donde possamos contemplar-lhes a frente, o que veremos então nos será de algum modo assemelhado? A resposta é não, caro leitor. E essa era a minha angústia inicial, que eu agora quero compartilhar com você, antes de seguir adiante. (Se quiser, pode parar por aqui. A crônica acabou.)

III

Recentemente, em noite de gala no quiosque Taça de Ouro, o Rodrigo Gobbi apontou para a mesa onde jogavam Isaías Sabadini e José Deolindo, argumentando que aquela imagem, por si só, era digna de uma crônica nesta coluna. Não sei se ainda inebriado pela recente comemoração dos dez anos de xadrez no quiosque, ou sóbrio da validade imediata e aparentemente irrefutável daquele argumento, ato contínuo assenti com o proposto, e, paralelamente à seqüência de nossa conversa, permiti irrompesse em mim o fluxo de idéias – formado no fio da navalha do tempo – acerca daquela peleja atávica, comumente denominada *o clássico dos clássicos*.

Minha intenção, presumivelmente, era elaborar um breve compêndio mnemônico, e utilizá-lo, posteriormente, como esteio de uma eventual crônica; quiçá eu pretendia apenas incursionar momentaneamente naquele universo tão particular dos dois, não me lembro com clareza. Fato é que, mais tarde, na madrugada, eu acordei sobressaltado pela certeza ainda onírica de que era impossível compreender a escrita Isaico-Deólica além do oximoro, e me decidi a dar o fato literário por natimorto. Até que sobreveio, imperativa, a pergunta retificadora que o ressuscitou: será que esta coluna de crônicas é digna daquela imagem apontada pelo Gobbi?

Ao primeiro impacto, pode parecer auto-depreciativo de minha parte supô-lo. Mas, assevero, foi o passo decisivo para eu reorientar corretamente o meu pensamento. Vale dizer, a questão aqui, caro leitor, não é metaforizar – muleta literária intuitiva e eficaz – para compreender os personagens, e sim compreendê-los, eles próprios, como metáforas do que se tem a dizer, seja lá o que for – e que nos remeterá, por inacessível magia circular, de volta ao ponto de partida.

Esta inversão de sentido, que me apanhou tão desprevenido quanto exultante, enfim elevou-me o pensamento ao patamar de onde não só é possível contemplarmos a tez solar dos gigantes, como, uma vez livres da impostura de a eles assemelharmos-nos, adorar-lhes a absoluta indiferença por nós, homens comuns.

Os gigantes existem.

IV

Milhões de anos além, a raça humana, tal como a conhecemos e somos, há muito terá sido superada. A Ciência e a Literatura ficcional, gêmeas siamesas no permanente ato de recriar o futuro, e que pletoam teorias consistentes neste sentido, estarão fundidas em uma espécie de religião laica. E não é mesmo necessário ter a fertilidade concreta de Isaac Newton ou a imaginação lisérgica de Aldous Huxley para caminhar, hoje, sobre a ponte que separa o céu do abismo, e nos permite contemplá-los simultaneamente: basta-nos ter nascido no século passado, e vivido até aqui.

Perceber-se-á, neste tempo além-tempo, uma tênue, imaculada radiação de fundo a perpassar todas as gerações da História. Esta radiação, que absorverá o homem do futuro tanto quanto, na noite secular, os gregos foram absorvidos pelas constelações, mostrar-se-á, uma vez matematizada, antropofagizada e ofuscada pela ignorância luminosa do conhecimento, não-matematizável, não-antropofagizável, e profundamente incômoda. Ela será mesmo como foi Platão para Aristóteles, ou o calcanhar para Aquiles; e fará o homem do futuro empreender todo o conhecimento adquirido na vã, vã tentativa de aniquilar a Quimera sem a interferência crucial de Belerofonte.

Não, caro leitor, não é uma predição insubstanciada que aqui deixo, mas o testemunho lúcido do que vi quando o Gobbi apontou para a mesa onde jogavam Isaías e Deolindo, naquela noite no quiosque Taça de Ouro.

Os gigantes sempre existirão.

V

Introspectivo, roto do próprio orgulho, ao homem do futuro restará colapsar-se em sua esfera primeva, e tentar delimitar a origem destes dois opostos naturais, confiná-los em um berçário comum; e, não sendo possível pôr-lhes fim, pôr-lhes ao menos um começo no Tempo. Esta será a viagem mais reveladora da humanidade, e, desde já, do alvorecer do século XXI, é possível antecipá-la – como eu disse antes, caminhamos sobre uma ponte entre dois extremos, com vista para ambos. Ao mergulharmos em nosso abismo ancestral, veremos o que eu vi claramente naquela memorável noite enxadrística, e que agora transmito ao leitor, como se o néctar do néctar de tudo o que eu vi até hoje fosse.

Com efeito, vi diante de mim, num *frame* tão fugaz quanto imorredouro, dois títeres e dois conceitos. Os títeres eram os que, costumeiramente, denominamos por Isaías e Deolindo; mas que são, na verdade, apenas suas efemérides corpóreas. Os conceitos, estes sim suas verdadeiras existências, os verdadeiros Isaías e Deolindo.

Ao fazer esta separação – minha dificuldade inicial em fazê-la quase pôs fim ao projeto da crônica, relembro ao leitor –, pude, enfim, experimentar infinitamente o deleite que sempre me causou este duelo, enxergá-lo em seu âmago. E pela primeira, e única, e suficiente vez em minha vida, penetrei o universo mutuamente complementar dos seus duelistas, cujo acesso exclui o que não é delírio consciente.

Vi a célula primordial arrebentar a apatia cósmica, e musgos cobrirem o concreto. Vi um lobo uivar na lua cheia, à procura instintiva de Deus. Vi o brilho do sabre que ceifou a vida de um guerreiro mongol. Vi a entrega virtuosa ao primeiro enlace conjugal, e a renúncia infame a um beijo de despedida. Vi Platão e Aristóteles. Vi o sorriso plácido do Buda diante da solitude. Vi Portugal e Espanha irmanados num mar de sangue. Vi a antinomia da palavra, e gêmeos siameses de distintas mães. Vi Eratóstenes inferir a esfericidade da Terra. Vi o super-homem de Nietzsche dançar entre os primatas de Kubrick. Vi um celacanto atacar sua presa. Vi o Gulag. Vi o Zahir de Borges, e o que ele foi antes de ser o Zahir. Vi também o Aleph, e cri no Corão e no Oriente. Vi labirintos desembocarem em labirintos mais complexos. Vi novamente o Aleph, e todas as visões anteriores, em retrospectiva. Vi uma mulher banhar-se no Ganges. Vi um tigre farejar pegadas na neve. Vi o Demiurgo. Voltei ao presente, sem dele nunca haver partido um instante sequer, e vi Isaías e José Deolindo. Numa fração de segundo, eles foram todas as imagens que eu aqui descrevi. Dois conceitos em eterna transmutação, que somente os gigantes poderiam incorporar.

Os gigantes sempre existiram.

VI

A partida que ilustra a crônica consubstancia o que é este clássico maior: não é precisa, não é bela, tampouco é mais importante do que a que lhe antecedeu, ou sucedeu.

É xadrez sem aplauso, sem poesia, duro. É xadrez verdadeiro – daí sua real beleza, permito-me a contradição.

Deolindo, José x Sabadini, Isaías – 03/08/2011 – B01 (Jóia de Primeira Aguardente)

1. e4! ...

“Deola” moveu o peão com semblante de ferro e sangue nos olhos. Eu vi!

1. ... d5!

Inesperado! Um lance regado de malícia, e de boa cachaça.

2. exd5 Dxd5

3. Cc3 Dd8

4. Cf3 Bg4!

Bom ou ruim, eis aí uma cravatura clássica do Taça de Ouro!

5. Be2 ...

Lance tímido, porém sólido. Deolindo não quer ser surpreendido, futuramente, com um peão dobrado na coluna **f**, senda onde o mestre “Zaia” costuma curricular com sagacidade.

5. ... Cc6

6. h3 ...

Outro lance emblemático do Taça de Ouro: o afamado espanta-neném!

6. ... Bh5

7. d3 Cf6

8. g4 Bg6

9. Be3 ...

Este emparelhamento episcopal ganhou voga no quiosque graças ao Tarcisião – o anjo adoecido, o alheio dançarino que dançou em Gomorras incendiadas, o menino –, cuja citação conceitual a Horowitz é canônica, inclusive.

9. ... Cd5!

Incrível como esta partida põe em relevo todos os paradigmas do Taça! Pra quê desenvolver peças, se é possível simplesmente especular?

10. Dd2 Ce3

11. fxe3 f5!!!

O erro mais perfeito que eu já vi!!! Convido o leitor a analisar a posição. De um lado, um Deolindo pético, impenetrável, sem nenhuma pressa de urdir suas cavalações, prestes a fazer o roque grande, e o escambau. Do outro, um Isaías afoito, provocador, sodomizando os conceitos enxadrísticos mais inextricáveis ao seu bel-prazer, transformando-se em Cantinflas, em Mazzaropi, em Carlitos, e fazendo a platéia rir com lágrimas nos olhos.

Eu não errei, caro leitor! Eu não errei em minha escolha. Isaías mimetiza o erro para se opor ao seu já natural oposto. Mais do que isso, ele fará da retumbante derrota que se anuncia um cômico epitáfio, o sorriso torto que jamais sorri em vão. Se há algo que me move a escrever crônicas – e há! –, são jóias assim, brutas assim. Uma vez mais, eu me apanho em contradição. Mas o quê fazer, se os gigantes são capazes de fazer tudo o que é sólido se desfazer como água?

Brilhante, Isaías! Brilhante! Brilhantes os dois!

12. gxf5 Bxf5

13. Ch4 Bc8!!!

Bispos de “Horrorowitz”!!!

14. O-O-O ...

A Deolindo resta apenas preparar o amasso. A vitória não é completa, pois que sua Nêmesis parece regozijar-se com a própria derrota. E quanto mais feliz um pela forca, mais contrito o outro pelo cadafalso. A oposição entre ambos é total, e os conceitos de vitória e derrota soam como tristes alegorias de um mundo eminentemente humano, privado de criatividade, e sub-reptício.

Alheios a nossa angústia existencial, os gigantes nos fazem aprender sobre a atemporalidade, e se divertem com o empate moral que se configura.

14. ... e6!

Ameaça descoberta ao cavalo: quiçá o último gene que consagra esta partida como uma legítima produção do Taça de Ouro. No ideário do *showman* e entidade universal Osmar Schmidt, essa cafajestagem enxadrística chama-se “malandráquio”.

15. Cf3 Bb4

16. Tdg1 O-O

17. a3 Be7

18. Ce4! ...

Fino sortilégio que me fez lembrar o Marcelo Bragança, o *shaolin* brasileiro, preparando sua insofismável costela de boi na pressão. Cebolinha aqui, salsinha acolá, temperinho, alho, batata, tomate, e, volta e meia, ele olha para a platéia faminta e exclama, sem a pecha do histrionismo: “*maltraaaaaata!*”

18. ... Dd5

19. Dc3! ...

Está quase na hora de servir a costela!

19. ... e5

20. h4 Bf5

21. Ceg5 Bf6!

Enfim, Horowitz! Mas na hora errada...

22. e4! ...

O garfo entra na costela macia! Mexe, daminha. Mexe-mexe, daminha...

22. ... Bxg5+

Jus esperneandis...

23. hxg5 Dc5

24. Dxc5

Entrega de dama – assinado: quiosque Taça de Ouro.

Saaaaamba, neném!

1-0

E, por tudo o que aconteceu na partida, **1-1**.

Ainda não!

Isaías propôs voltar o lance, e Deolindo consentiu. Gênios! Gigantes!

25. ... Dd4!

Entregou de novo! Sensacional! Aqui eu tive um orgasmo enxadrístico!

26. Cxd4 Cxd4

27. Dc4+! ...

Socorro! Alguém me ajude a entender o que está acontecendo, ou me traga uma dose se formicida na validade (mais uma do ideário osmario). E se o leitor achou graça, é porque, assim como eu, ainda não entendeu o espírito da coisa.

27. ... Be6

28. Dc5 Cxe2+

29. Rd2 Cxg1

30. Txx1 Tf2+

31. Re3 Taf8

32. Tg3 Th2

33. Dxe5 Bf7

34. Tf3 Th5

35. De7 Txx5

36. Dxx5

2-2

VII

Não me lembro ao certo o momento em que uma leitura possível me guiou à fronteira do inescrutável, e me permitiu traçar um paralelo conclusivo entre os gigantes e nós, caro leitor. É razoável supor, até, que tal linha imaginária tenha se originado de um comentário de Charles Mingus sobre Charlie Parker – muitos gigantes elegeram o Jazz para gozarem sua imortalidade. Disse ele: “*Se fosse vivo hoje, Charlie Parker poderia pensar estar vivendo em um labirinto de espelhos*”.

É assim que eu vejo todas as partidas disputadas no quiosque Taça de Ouro, desde 2001, ano em que se incendiou esta guerra: como um imenso, impenetrável labirinto de espelhos, cujas portas-chaves são exatamente Isaías Sabadini e José Deolindo. Quando um é a de entrada, o outro é a de saída, e vice-versa. E nós, meros mortais do Taça,

vagamos por este labirinto de brancos dias e negras noites; e, mais comumente, de negros dias e brancas noites. Deles encontramos indícios, pegadas, vestígios que aperfeiçoam nossa condição humana, queiramos ou não.

Um, em particular, me é muito caro, embora jamais eu o tenha tocado: o primeiro jogo de peças do quiosque, esculpido a partir de um cabo de vassoura – eis, a meu ver, o Graal deste relicário de pó e tempo e sonho e agonias.

Reporto-me, em sacro devaneio, ao que teria sido a primeira edição do clássico dos clássicos – refiro-me, obviamente, ao seu entorno enxadrístico, não ao embate conceitual imemorial –, e me vejo como um dos primatas de Kubrick diante do monólito do conhecimento. Vejo, por fim, Isaías e Deolindo – sempre Isaías e Deolindo! – movendo as peças de maneira aparentemente desordenada. Alguém da platéia alardeia o que seria a seqüência correta de lances, acreditando estar com a razão – eis o primeiro *boquinha de mel*, que, dado o momento histórico, eu respeito com uma discordância silente. Rude, ele sequer desconfia que o rito dispensa sua certeza, igualmente sua existência pueril.

Os anos passarão, e, milhares de vezes, aquela mesmíssima cena repetir-se-á, espelhada em nossas mãos, em nossas mentes, em nossos corações. Um cálculo infame, baseado em quantidade de dias e em média diária de partidas – e não na emoção imanente a cada uma delas –, nos faz crer que já foram disputadas no quiosque, desde então, aproximadamente cento e oitenta mil partidas de xadrez. Cento e oitenta mil vezes Isaías e Deolindo, de certa forma. Um número astronômico para nós, caro leitor – e aí podemos perceber a nossa dimensão humana: e, enfim, alvorecemos.

Para os gigantes, contudo, uma fração ínfima de sua existência eterna.

*

“Deus disse: Faça-se a luz! E a luz foi feita. Absortos em sua batalha encarniçada e imemorial, Isaías e Deolindo nada fizeram. Acredita-se que um dos dois, não se sabe ao certo qual, se ajeitou na cadeira após o clarão”.

(Evangelho Apócrifo – Gênese)

(Crônica inspirada em algumas passagens do livro *O Aleph*, de Jorge Luis Borges, no link ao lado <http://www.youtube.com/watch?v=LqZ8W2RO2CI>, no comentário feito pelo Rodrigo Gobbi, e nas incontáveis partidas entre Isaías Sabadini e José Deolindo, aos quais eu a dedico, e renovo o meu apreço.)